

Transcrição de Entrevista 5

Características	
Sexo	Masculino
Idade	68
Estado Civil	Viúvo
Agregado Familiar	Isolado
Nível Educacional	4º Ano
Situação Laboral	Aposentado

Tabela – Características Sócio-Demográficas

[...]

Participante: Que eu todos os dias vou fazer uma caminhada. Todos os dias faço uma caminhada. Faço mais ou menos quatro quilómetros... quatro quilómetros, às vezes mais um bocadito. Faço todos os dias! Ainda agora, ainda agora vinha de lá, apanhei (?) e... eu todos os dias faço essa caminhada, só às vezes quando tenho que ir à... vila é que não, é que não vou...

Entrevistadora: É que não faz...

P: Porque, porque de manhãzinha não dá e para se fazer bem é de manhãzinha. Porque eu vou pelo monte, não vou... não vou pelo... pelo... porque me dizem assim “ ah porque é que não vais pelos caminhos? Oh pá, os caminhos apanho poluição, pá! Eu faço é no monte, pelo menos apanho ar puro.”

E: Apanha ar puro, aproveita.

P: É... é isso... eu vou todos os dias, todos os dias faço a caminhada.

E: De manhãzinha...

P: De manhãzinha, sempre. (?) oito horas... levanto-me aí às sete e meia, outras vezes sete horas. Tomo, tomo alguma coisita, uma pinga de cevada e tal e vou por aí fora e venho outra vez...

E: É para aí meia hora, uma hora?

P: Ah... quarenta e cinco minutos. Ainda muita gente, ainda muita gente me diz assim “oh pá, tu andas depressa. Eu... eu ando conforme pode, posso.” [...]

E: E vai... e vai sozinho, senhor (omitido para preservar anonimato)?

P: Vou sozinho.

E: Vai sozinho. E faz... faz há muito tempo isso?

P: Há já... para aí há trezes anos e tal.

E: Desde que teve a doença?

P: Desde... desde que fui operado ao coração. [...]

E: E olhe, acha que isso também lhe melhorou para controlar os... o açúcar?

P: Eu acho que sim. Eu acho que sempre se gasta. Para mim, para mim... eu... para mim, acho que a gente... o, o, o andar faz... faz desenvolver o... pronto uma pessoa que tem muito açúcar... (?) eu pesava, pesava muito e agora peso pouco. Peso pouco, porquê? Porque faço certas caminhadas. O médico (?) disse para mim “ Oh senhor (omitido para preservar anonimato) parar é morrer!”. [...] E agora, e agora até faço muito menos, porque antigamente tinha umas ovelhas, todos os dias tinha que ir com as ovelhas, todos os dias andava para lá, eram, eram dois dias... ia, ia duas vezes (?) por dia... e tinha que andar para lá e depois andava sempre por ali e agora não, agora só faço esta caminhada, estes quatro quilómetros, vou e venho. Às vezes vou ali à loja, outras vezes, outras vezes não vou, é conforme. E é assim que eu ando e não tenho tido problema nenhum. Agora o problema é o seguinte, é que a gente às vezes abusa um bocado com o comer e é isso eu noto logo, eu noto logo.

E: Ah... mas mudou... desde que teve a... a diabetes, mudou muito a sua alimentação? Ou...

P: Ah isso, não... nunca mais foi a mesma coisa. Quer dizer, não... faço... eu gostava muito de fritos e agora os fritos é só uma vez, uma vez por acaso, não é? Não estou... agora tenho, até fiz ali um... uma espécie de uma coisita para assar, para assar um bocado de peixe ou... uma carne e coisas assim e comprasse... o... o que não posso é, às vezes, fugir muito, porque eu como ali na... naquela coisa dos velhos aqui em (omitido para preservar anonimato).

E: Ah...

P: Como ali e... e às vezes é que um homem (?), mas... mas também é o seguinte, eu também já tenho aí coisas, quando não me agradar, tenho ali um pãozito, tenho aqui uns gatos e dou-lhes o comer e faço para mim. Em lugar de fazer para eles...

E: Faz para si...

P: Faço, faço para mim... é isso!

E: Mas... mas deixou de... de comer fritos? Deixou...

P: Fritos, é pouca coisa. Uma vez por acaso gosto, mas quando... quando eu faço, faço o seguinte, meto-lhe sempre um bocado de farinha e meto depois em cima dum, dum, duns guardanapos e deixo estar o peixe um bocado para chupar, para chupar o coiso e... e com azeite, não com óleo.

E: Mas... mas então trazem... o senhor é... é viúvo?

P: Sou viúvo.

E: É viúvo. E então o almoço trazem-no sempre lá...

P: Trazem sempre e depois, quer dizer como, eu nunca como tudo, não é? Como, fica sempre, dou aos gatos. E depois à noite então é que faço um bocadinho de sopa, às vezes cozo uns carapaus, às vezes, às vezes asso-os e... lá de vez em quando... e bacalhau, que às vezes, às vezes eles trazem bacalhau demais e eu tiro o bacalhau e meto ali num pratinho e à noite, desfio bem desfiado e como um ovo que... como poucos ovos...

E: Também come poucos ovos...

P: Como poucos ovos, muito poucos ovos, como muito pouquinho mesmo. Como às vezes, às vezes quando é bacalhau, mas o ovo só, não como. [...]

E: Mas então lá do Lar também já trazem comida saudável, não?

P: Eu, pelo menos, foi o que eles me disseram e eles outro dia...

E: E o senhor pediu-lhes para trazerem?

P: Pois, eu disse logo “olha, olha que eu sou diabético, tenham cuidado!”. Outro dia até trouxeram aí uns comeres assim muito gordurosos e eu chamei atenção à... rapariga, disse assim “olha desculpa mas eu não posso comer esse comer, tens que, tens que lá dizer...” [...] e já tenho dito elas, ainda outro... outro dia trouxeram para aí umas... uns dois ou três dias, batatas fritas e eu digo assim “eh... batatas nada ah!”

E: Não come batatas...

P: Como... como... mas não... como dois bocados ou três ou quatro ou coisa assim, mas se for das minhas sou capaz de comer cinco ou seis bocados ou sete ou oito, das minhas. Porque eu... eu também é o que é... muitas vezes (?) dizem “porque é que você vai semear as batatas? Eu é que sei!”. Aquilo pode estoirar e depois um homem tem que comprar e assim um homem devagarinho vai fazendo... hoje semeia um bocadinho, amanhã semeia outro bocadinho... e vai-se fazendo assim [...] eu tenho sempre aí e mesmo assim às vezes quando vou à loja, compro... compro uma lata de atum, compro assim umas coisas assim, não é? Para ter aí, que às vezes quando o comer não me agradar... porque dizem assim “ah é só a sopa à noite, só sopa à noite faz jeito.”, não, não! Eu não vou... eu não vou para a cama sem comer outra coisa qualquer...

E: Come... mas como sempre a sopinha antes?

P: Como a sopinha e depois como outra coisa qualquer. E é... e é... pronto, é como... eu como à tarde também, eu como, como agora de manhãzinha, como alguma coisa ou um bocado de pão com um bocado, um bocado de manteiga, daquela manteiga que... como é que se chama?

E: Magra?

P: Sim. E...

E: A “becel”, não?

P: É a “becel”. E a depois, e a depois como ao meio-dia e à tarde quando forem aí seis horas, às vezes, sete, depende. E depois, só vou comer lá para as nove, nove, nove e tal é que como.

E: E depois, antes de ir para a cama, come qualquer coisinha?

P: Não, não porque eu como a sopa e depois como já. Encho a barriga e ponho-me ali a ver um bocado de televisão e depois é que vou para a cama. [...]

E: Então o senhor deixa... e doces come?

P: Às vezes como, eu... como às vezes, como às vezes, assim um... pronto... um bolo ou, às vezes uma bolacha ou duas... isso é, gosto de comer e digo assim... depois de comer, como uma bolacha ou duas ou, às vezes, como... ou até, às vezes, compro uma coisa de chocolate e

como só uma pastilha, não como mais que uma pastilha, como uma pastilhazinha e como e sinto-me bem. Quando... agora, agora quando o comer lá, lá em cima vem com, com mais um bocado de gordura, aumenta um bocado. Eu, eu... a minha, a minha norma era cento e vinte, cento e trinta, cento e quarenta, às vezes os cento e cinquenta, mas agora, agora a última vez que eu lá fui (5s.), cento e noventa e tal, cento e noventa e tal já é, já é...

E: Já é um bocado alto... não é?

P: Já é um bocado puxado, já é um bocado puxado... mas depois tive lá, lá a falar com o enfermeiro (omitido para preservar anonimato) [...] tive conversa com o (omitido para preservar anonimato) disse “oh senhor (omitido para preservar anonimato), o senhor tem um bocado alto” e digo assim “oh senhor (omitido para preservar anonimato) olhe que havia de ter sido isto...”, que eu mais ou menos já sei! (tom de voz alto)

E: Já sabe o que é que...

P: Eu mais ou menos, depois, depois tenho que... parar, porque sei que... (tom de voz alto)

E: Olhe, olhe e o senhor vê os valores aqui em casa?

P: Não vejo, não. Tenho aí, mas não sou capaz de ver.

E: Não consegue.

P: Não, não consigo ver.

E: Não consegue picar.

P: Não... picar, pico, não tenho problema. Tenho depois que a máquina, não... não trabalha...

E: Não percebe a máquina.

P: Não percebo a máquina. Mas até tenho... mas agora até tenho ido aqui, que quase todos os meses vêm aqui à casa da Junta e... como a gente, como a gente como lá... é...

E: Aproveita.

P: Eu aproveito e vejo lá, vejo lá, vejo lá quando é que eles vêm e depois nesse dia, vou lá.

E: E já sabe quando estão altos, já sabe do que é que é?

P: Já sei, mas depois tenho que fazer um bocado...

E: Normalmente é a alimentação...

P: É a alimentação, não falha. [...] Porque, porque é que eu dizia à minha falecida mulher? “Quando a gente não tiver dó de nós, quem é que há-de ter?”

E: Se não cuidar de si, ninguém cuida, não é?

P: Ah... a, a minha falecida mulher, às vezes, fazia, comia para lá de tudo e eu dizia assim “come, come que tu vais ver, vais ver o que é que vai acontecer; Ah... tu és maluco, tu és isto e aquilo...” e eu “tu fazes a tua, fazes a tua, o teu regime e eu faço o meu, cada um faz o seu, se não queres fazer igual a mim, pois então não faças”. [...] Aquele comer não comia, eu sabia que me ia fazer mal, porque é que eu vou comer uma coisa que eu sei que faz mal? Há daquelas pessoas que sabe que faz mal, mas, mas sabe-lhe bem e come na mesma, eu não... eu, às

vezes... o meu genro começa “você coma mais um bocado; Chegou o limite... eu não quero mais!” Porque eu nunca encho a barriga, eu nunca encho a barriga...

E: Deixa sempre, deixa sempre...

P: Deixo sempre um bocado. E gosto, e gosto, depois quando acabar de, de comer, gosto de comer um bocado de pão.

E: Hum...

P: (?) com pão integral...

E: E... e se, por exemplo, se come um bocado de pão, corta em alguma coisa no prato ou... é igual?

P: Eu acho, eu, eu acho que é um vício que eu tenho, acho que é um vício que eu tenho de, de, de pronto de depois de comer eu gosto sempre de um bocadito de pão. Um bocadito de pão...

E: Mas come pão integral.

P: Como pão integral. [...]

E: E olhe senhor (omitido para preservar anonimato)...

P: Diga...

E: E costuma ir às compras à... fazer as compras da comida... para si?

P: Vou, vou. Vou aqui abaixo, vou aqui baixo à...

E: E mudou nas compras também, do que comprava?

P: Pois tenho, pois... (?)

E: E o que é que passou a comprar mais e o que é que deixou de comprar?

P: Às vezes um bocadito de bacalhau, que não comprava, às vezes não comprava... às vezes um bocadito de carne e coisas assim...

E: Carne... come, come da mesma carne ou come carne diferente?

P: Não, é a mesma. É... um bocadito de carne de porco, assim umas... assim umas costeletas e...às vezes, um bocadito de carne entremeada que, às vezes, que às vezes até depois tenho de andar a tirar o gordo, não é? E... pronto, às vezes uns bifes e coisas assim e... é isso que eu como, mas, mas não como muito (?) não como muito! Como poucochito, faço um bocadinho... asso ali um bocadinho ou dois e como. Mas... ah... pronto... acho que, acho que para mim, acho que para mim, acho que para mim quando comendo muita batata, é que dá mais, é que dá mais... a coisa dá para aumentar ou... quando se come muitas coisas doces, isso também me dá para aumentar. Eu... acho eu que é assim, eu pela, pela minha maneira de ver, acho que é assim.

E: Nota que quando come mais batatas...

P: Ah pois... eu sei, eu sei...

E: ...e mais doces, é quando aumenta.

P: ... é... aumenta, aumenta.

[...]

P: ... que eu também tenho, também tenho pedras nos rins, mas bebo muita água, que ela (médica) mandou-me beber água e bebo muita água.

E: E olhe e... senhor (omitido para preservar anonimato) como é que é... o seu dia-a-dia?

P: O meu dia-a-dia, olhe é levantar-me, é fazer alguma coisa... vou então dar uma voltinha e depois venho, faço alguma coisita, ando aí no lugar a cavar, a cavar um bocado de terra ou... ou, às vezes... cegar um bocado de erva outras vezes ando aí a fazer... porque eu percebo, percebo alguma coisa de artista de pedreiro, ando aí a fazer... e olhe ando aí, eu nunca ando parado.

[...]

E: E olhe, senhor (omitido para preservar anonimato) e desde que teve a diabetes... há quantos anos é que tem a diabetes?

P: Ah... (risos) o, o diabetes já... deve haver pra aí quê? Pra aí... que eu saiba, pra aí dezasseis anos, dezasseis anos.

E: Pronto, ah... notou... já, já me disse aqui algumas mudanças que teve na sua vida, não é? Principalmente a alimentação...

P: Pois, pois... a alimentação teve de ser, pois.

E: E notou mais alguma coisa na sua vida? Acha que prejudicou... acha que, acha que deixou de fazer alguma coisa?

P: Ah... acho que não, eu acho que não. É, é como eu lhe digo, eu nunca tive uma vida tão boa como tenho agora.

E: É?

P: É! Tenho, tenho uma vida... não me chateio praticamente com... às vezes a minha falecida mulher era muita chata e, às vezes, começava pa aí a discutir e eu... todas essas coisas, todas essas coisas me fazem mal. Eu não... eu gosto de falar...

E: Acha que isso também o prejudicava na doença?

P: Isso também prejudicava, também prejudicava um bocado. E... era assim. E outras coisas, às vezes, que uma pessoa às vezes tinha, tinha que sair de casa porque ela (?) ela era muito impertinente e qualquer coisita, qualquer coisita ela arranjava logo... e tudo isto me fazia mal à cabeça. Eu dizia “oh mulher, não grites pá! Ah vai-te, vai-te embora!” e eu, às vezes, eu às vezes era obrigado a gritar com ela para ver se ela se calava, mas ela não se calava e... até que foi.

E: E acha que agora está mais... sossegado.

P: Agora estou... muito melhor. Levanto-me à hora que quero, ninguém não tem ninguém para chatear e também foi a coisa das ovelhas também mudou muito a minha vida, que eu antigamente tinha que andar para baixo e para cima, para baixo e para cima com as ovelhas. Chovia, tinha que ir à erva e pronto... e várias coisas que eu tinha, que eu tinha que era

obrigado a fazer, não é? Tinha, tinha os animais, mas cheguei à conclusão que isso, isso a mim só me prejudicava a mim... e não tinha lucro nenhum, se ainda tivesse algum lucro...

[...]

P: [...] desde, desde que fui operado a minha vida começou a ser, começou a ser muito diferente porque eu tenho muitos problemas, eu... eu tenho dez doenças, que eu saiba eu tenho dez doenças, dez... e agora algumas havia de ser operado, mas não posso ser operado porque estou a tomar uns comprimidos que se chamam o *Varfin* e o *Varfin*, todas as vezes tenho que ir ali à vila, controlar, controlar o *Varfin*.

E: Mas esse é para a diabetes...?

P: É para... não! É... para o sangue grosso e gorduroso.

E: E ah... o senhor...

P: Os diabetes, tomo os comprimidos... tomo um comprimido de manhã e outro à noite...

E: Hum...

P: Que é o tal, que é o tal, como se chama? (6 s.)

E: Não se lembra... não faz mal. E toma um de manhã e outro à noite...

P: Um de manhã e outro à noite...

E: Do mesmo medicamento?

P: Do mesmo medicamento...

E: E é o senhor que compra os medicamentos, que vai à farmácia comprá-los?

P: Sou, sou! [...] e vou sempre ali, fica, fica aqui a dois passos, um gajo agarra na mota vai ali e compra, mas... mas não, não compro muitos, compro só uma caixa cada, porque ah... os comprimidos para a diabetes gasta-se muito...

[...]

E: E olhe e, é isso que eu lhe ia perguntar, consegue organizar bem os medicamentos todos ou não se confunde?

P: Pois, pois que remédio tenho eu, se eu, se eu não organizar quem é vai... ah... que remédio tenho eu!? Às vezes, às vezes ainda outro dia fui, fui a um baptizado, a um baptizado... a um casamento e depois esqueceu-me levar os comprimidos pá! E outro dia também fui comer ali baixo, ali a uma senhora, este, este... mas depois tomo-os de manhãzinha, porque o médico disse-me a mim: “o senhor quando, quando à noite não tomar o comprimido... se você de noite se lembrar venha e tome-o, tem é que o tomar”.

[...]

E: Então só se esquece daquele à noite. Do resto... consegue-se organizar bem?

P: Do resto, do resto... ah...

E: Põe-los numa cestinha diferente... os medicamentos para não se confundir ou...?

P: Não, não... tenho, tenho ali uma caixa assim em frente... [...] mas quando é assim tenho os remédios encostados à parede e tenho sempre aqui, aqui (demonstra com as mãos) e, às vezes,

uma pessoa está, está sempre em frente não se esquece. Às vezes quando, quando estão lá para trás, às vezes é que um homem se esquece.

E: Mas tenta os pôr sempre à frente da...

P: Mas quando, mas quando estou aí sozinho aqueles estão sempre ali e...

E: Pronto... mais que eu lhe queria perguntar... então da pica só faz quando vai às consultas...

P: Só quando, só quando vou às consultas ou, às vezes quando eu sinto que a coisa não está boa, peço. Que a médica disse: “você quando sentir, sentir...” e depois vêm, e depois vêm aí todos os meses aqui à, aqui à...

E: E se... e quando sente que a coisa não está boa, o que é faz? Muda a alimentação ou...

P: Quer dizer quando mais ou menos vejo que é os diabetes, mais ou menos começa... começa, começa assim, um homem estar ali a sentado e começa assim ver as coisas assim a fugir pela frente ou coisa assim... alto, alto que é os diabetes! [...] Dizem que os, que toda a pessoa diabética... eu uso, eu uso, você sabe (?) ... uso, uso sempre rebuçados no bolso.

E: Ah...

P: Uso sempre alguma coisa...

E: Tem sempre rebuçados...

P: Sempre, sempre rebuçados, levo sempre...

E: Quando o açúcar baixa...

P: Quando sinto alguma coisa... tomo já um rebuçado, pronto! Um rebuçado e... tenho, tenho (?), “E tu andas com rebuçados no bolso? Eu é que sei!” [...] ando sempre com, não ando com pacotes de açúcar, ando sempre com rebuçados, que o rebuçado também é doce.

E: Claro! Também...

P: E agora ali, depois quando chegar a casa vejo, se a coisa continuar... porque pronto já às vezes me tem dado, assim às vezes assim uma tontura de cabeça e tomo um rebuçado e, e... ah... às vezes é açúcar outras vezes é rebuçado. Quando estou aqui em caso é o rebuçado... é o rebuçado, é o açúcar... é um bocadinho (?) num copo. Açúcar também não tomo, só tomo... eu tomo umas coisinhas...

E: Não põe açúcar? Põe hemesetas.

P: Não, é uma coisinha... é umas bolinhas. É! [...]

E: Olhe... e falou-me dos pés, que cuidados é que tem com os pés então?

P: Eu tenho cuidado, lavo os pés todos os dias e, e... meto então o vinagre. Mas não na ponta, não nos dedos, para cima...

E: Para cima...

P: Foi, foi o que ela (médica) mandou, diz que no meio dos dedos que depois faz ferida que aquilo é... e mesmo às vezes arde. Agora a, a *Nívea* é que não, deixei de, de tomar, deixei de pôr porque depois põe-me a pele muito, muito má...

E: Macia...

P: Muito macia e o andar aí... sabe que o caminho não é, não é alcatrão (risos), é pedras e então pôr não... não, ah...

E: Faz ferida?

P: Não, não faz ferida porque os meus pés não tem ferida, nunca fiz, nunca tive ferida nos pés e depois também eu cortava sempre as unhas com um canivetezinho, pronto. E ela disse-me que eu não cortasse as unhas, a Doutora (omitido para preservar anonimato), que não cortasse as unhas com o canivete, que comprasse uma limazinha e que limasse, assim um bocadinho e depois assim por cima e é isso que eu faço.

E: Tem esses cuidados todos. E, e examina no meio dos dedos também? Limpa no meio dos dedos?

P: Limpo! Eu quando me lavo, que eu tomo banho duas ou três vezes por semana e... vou ao bidé e lavo, e lavo os pés todos os dias com um bocado de água morna, quente não! Morna, um bocadito de água morna, lavo os pés e meto o vinagre. Vinagre é dia sim, dia não, mas... E a *Nívea* é que era todos os dias. Pus... gastei uma lata da... uma, uma coisita daquelas e depois os pés começou-se-me a pôr... porque eu tinha (?) só este pé aqui, só este pé aqui...

E: Nunca teve feridas, então...

P: Não, não. Só este pé aqui é que tenho, é que tenho assim com um calo, assim, assim aqui, aqui do lado. Só, mais nada, mais nada... nunca tive feridas nos pés e pronto... não tenho problemas, pronto.

E: E, e tem algum cuidado com as meias ou com o calçado...?

P: Isso as meias é dia sim, dia não... ah... tenho que mudar, tenho que mudar as meias.

E: E usa algum, algum calçado especial ou...?

P: Olhe, olhe o calçado este, olhe está ver? É sempre isto. Quando não é este, é com outro, só às vezes, quando um homem vai à vila ou vai outra coisa qualquer é que calça uns sapatos... não, é?

E: Diferentes.

P: Pronto, é diferente. É um sapato, não vai com as botas, com umas as botas para... só quando é Inverno, tenho, tenho umas botas para calçar para... não tenho problemas com os pés, com os pés nunca tive problemas. [...] e é assim, nunca tive, nunca tive problemas com os pés.

E: Não teve problemas com os pés...

P: Se tivesse problemas com os pés também já lá tinha ido...

E: Claro!

[...]

E: E olhe e das consultas, costuma ir às consultas? Aquelas trimestrais, de três em três meses e de um ano...

P: É, é...vou a todas, todas!

E: E vai o senhor sozinho ou vai acompanhado?

P: Não, monto, monto na minha motinha e vou por aí fora devagarinho e não tenho problema nenhum! [...] Porque, porque eu tenho... muita gente, às vezes iam para lá, pessoas conhecidas que iam lá e eu, eu quando tivessem assim três ou quatro pessoas a falar assim das doenças, eu gostava muito de me ir assim encostando assim à parede e ouvia, porque eu sei, sei algumas coisas porque fui aprendendo...

E: Do que ouvia.

P: Do que ouvia...

E: E nas consultas, também costuma perguntar à médica... tudo? E está, e costuma seguir o que ela diz?

P: Pois! Ah... pois, pois que remédio tenho eu? Então eu, eu disse... não disse já à senhora? Que a gente quando não, não tiver dó de nós, nós mais ninguém tem! A gente é que temos, a gente é que temos ter dó de nós! E temos que, e temos que ver o que faz mal e o que faz bem e depois ir lá dizer-lhe a ela!

[...]

E: Olhe, senhor (omitido para preservar anonimato) de todo... tudo isto que tem que fazer para o tratamento, o que é que acha que é mais difícil para si?

P: Para mim, o mais difícil é tomar os comprimidos (risos).

E: Tomar os comprimidos?

P: Ah... tem que ser com um bocado de pão senão não vão. O resto não... não tenho problema nenhum.

E: O resto faz bem...

P: Faço bem, não tenho problema nenhum.

E: E o que é que é mais fácil para si?

P: Para mim o que é, o que é mais, mais fácil? Não sei. Elas, elas pegam-se mais ou menos umas pelas outras, elas, elas... pronto, um homem tem que fazer um bocado de sacrifício, que é o que eu estou farto de dizer a muita gente.

[...]

E: Então para si o sacrifício maior é mesmo a alimentação e os comprimidos?

P: A alimentação é que a gente tem que ter cuidado, essa, essa é a principal! [...]

E: Acha que é... é a parte mais importante do tratamento?

P: Eu acho que a, que a... maioria é, é a gente não comer muito, encher a barriga... eu, como lhe digo, nunca encho, eu nunca encho a barriga, pronto! Chegando aquele limite, parece que já está aqui uma (?), chego aquele limite, posso ter vontade de comer, não como mais, pronto acabou! Às vezes, às vezes...

E: O senhor já sabe no prato, só se serve uma vez ou serve-se mais?

P: Não, só uma vez, só uma vez.

[...]

E: Olhe, senhor (omitido para preservar anonimato) quem é que o... ajuda assim na doença e no tratamento?

P: Eu!

E: É o senhor...

P: Eu e... ir à, ir à médica, quando vejo que alguma coisa não está bem, pego na minha mota e vou à hora que quero e venho.

E: O senhor é que toma conta da medicação, das consultas, da alimentação, tudo.

P: Eu, eu... por enquanto, por enquanto é, por enquanto é!

E: Acha que a sua doença afecta a vida da, da... dos seus familiares ou da sua... ou dos seus vizinhos ou dos seus amigos?

P: Não, não! Eu só tenho, eu só tenho a rapariga é que todos os dias telefona para aí para saber... como vai a coisa. Tenho um filho que mora ali a cima em (omitido para preservar anonimato), esse... esse vem aqui semana, a semana, ele chega aqui: “Então está tudo bem? Está!”. Meia volta ao cavalo, vai-se embora.

E: Mas acha que não afecta a vida... não alteram nada.

P: Não, não muda nada! Eu tenho que fazer a minha vida, eu é que tenho, eu é que tenho que saber o que é que, o que é que eu quero e o que é que me faz bem e o que não faz. Sou eu mesmo, que ninguém, ninguém vem aqui dizer ou é isto ou aquilo. Às vezes as raparigas chegam aí: “senhor (omitido para preservar o anonimato) então, como é que tal? Tudo bem, tudo bem! Você já sabe, quando você precisar de alguma coisa, você fale”.

[...]

E: Pronto! Senhor (omitido para preservar o anonimato) muito obrigada!

P: Era, era só isso?

E: Era...